

# “PAUS RODADOS”, “PAUS FINCADOS” E “PAUS NASCIDOS”, O COTIDIANO DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS MATO-GROSSENSES E A REAFIRMAÇÃO DE PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO MARCADOS PELA DIFERENÇA

Tânia Pitombo de Oliveira<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste gesto de leitura, que se inscreve na perspectiva teórica da Análise de Discurso fundada nos trabalhos de Michel Pêcheux na França e Eni Orlandi no Brasil, tomo o discurso como local privilegiado de observação e analiso as práticas discursivas que movimentam e constituem o processo de identificação dos sujeitos mato-grossenses na formulação “paus-rodados, paus-fincados e paus-nascidos” instaurada pela marcha migratória no Estado e que constrói a relação sujeito, história e linguagem instaurando a necessidade de reatualização de sentidos.

**Palavras-chave:** análise de discurso, processos de identificação, “paus-fincados, paus-rodados e paus-nascidos”, sujeito mato-grossense.

Em uma de minhas idas a capital Cuiabá e sentada na sala de espera de uma clínica médica, escolho uma revista para ler e passar o tempo e então me deparo com um artigo que, de pronto, me chama muito a atenção. Peço para a secretária uma cópia já pensando ser importante para minhas reflexões.

Apesar de extenso, me disponho a escrevê-lo na íntegra por considerá-lo representativo de uma prática discursiva regional e também porque seu autor, Onofre Ribeiro, é reconhecido pela população de Cuiabá, com artigos semanais e mensais que escreve como articulista da Revista RDM – Revista de Mato Grosso e do Jornal Diário de Cuiabá.

Com o título e subtítulo abaixo na Revista RDM, Cuiabá, nº 155, ano VIII de 22 de outubro de 2006, p. 09, que chamaram a minha atenção no decorrer da leitura, percebo o delinear, no jogo das formações imaginárias constitutivas dos processos

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pelo IEL/UNICAMP, Professora do Departamento de Letras, *Campus* de Sinop, Pesquisadora dos grupos: O discurso nas fronteiras do social – UNICAMP (pesquisador), Educação e estudos da linguagem – UNEMAT (co-líder), Educação científico-tecnológica e cidadania – UNEMAT (pesquisador), Mato Grosso: falares e modos de dizer UNEMAT (pesquisador), PRETA – Políticas públicas, relações raciais, educação e alteridade – UNEMAT (pesquisador).  
E-mail: taniapitombo@gmail.com

discursivos, do cenário dos eleitores no ambiente das eleições presidenciais de outubro de 2006, ou como o apresenta seu autor, um oportuno resgate das transformações sociológicas de Mato Grosso nesses últimos 30 anos.

#### PAUS RODADOS, PAUS FINCADOS E PAUS NASCIDOS.

“O fato é que cada vez mais não se tem como separar mato-grossenses dos mato-grossenses que vivem em Mato Grosso”. Gostaria de aproveitar o ambiente das eleições para traçar um oportuno resgate das transformações sociológicas de Mato Grosso nesses últimos 30 anos. Bom lembrar que a partir de 1973 começaram as migrações vindas de todo o Brasil, em especial do sul e do sudeste, para a ocupação da Amazônia iniciada pela estratégia federal de segurança e desenvolvimento. Em 1970, a população da região Norte do estado era de 599 mil habitantes. Em 1980, já era de 1 milhão e 139 mil e em 2005 chegou aos 2 milhões e 805 mil. Cresceu, portanto, 417% em 32 anos. Um dia desses fiz uma palestra para um grupo de jovens na faixa dos 14 a 18 anos. Quase todos loiros e de olhos claros. Distraído, perguntei: “quem de vocês nasceu em outros estados?”. Todos eram cuiabanos ou nascidos em Mato Grosso. De repente, dei-me conta de que se passaram 32 anos e que 76% dos jovens entre 15 e 24 anos são cuiabanos da nova geração, carinhosamente chamados de “paus fincados” pela socióloga Miriam Braga, do Instituto Vetor de Pesquisas. Nem todos são nascidos na capital. Cerca de 15% nasceram em cidades do interior, e 9,4 vieram de outros estados. O paralelo que cabe é lembrar que nas décadas de 70 e 80, os seus pais aspiravam ganhar muito dinheiro em Mato Grosso e depois retornar para os seus estados de origem. Tanto que as férias de fim de ano eram passadas ano após ano lá na origem. E havia até um certo preconceito em passá-las aqui. Até porque era preciso mostrar lá o sucesso econômico alcançado por eles. Isso durou anos e anos. Porém, os jovens cresceram aqui, agruparam-se, casaram, fizeram carreira em Mato Grosso. E lá, os avós morreram, os tios, os amigos mudaram-se ou também morreram. E a origem das pessoas foi se distanciando numa lembrança longe da realidade atual. O fato é que, cada vez mais, não se tem como separar mato-grossenses dos mato-grossenses que vivem em Mato Grosso. Todos reivindicam a cidadania mato-grossense. Hoje, as férias são passadas em lugares diversos, sem o compromisso de “voltar ao sul”, ou a Minas, São Paulo, seja lá onde fosse. As crianças, todas mato-grossenses, sabem da origem dos pais pelas conversas e pelas notícias, ou ainda, pelo uso do chimarrão do sul. Mas são apenas informações familiares. Nas férias, os shoppings centers de Cuiabá são um atrativo inevitável para a galera jovem. As faculdades na capital trouxeram filhos do interior. Daí para se enturmar, namorar e casar, foi um pulo. Por isso, hoje está completamente fora de moda separar as carteiras de identidade. A que vale é o viver. E se vive aqui, se é daqui. Cada vez mais os “paus fincados”, filhos dos antigos “paus rodados”

migrantes, se fincam na terrinha. Dos 600 mil habitantes atuais de Cuiabá, restam 39% tradicionais nascidos na terra. Os demais, vieram de fora do interior do estado, na sua maioria, são filhos de antigos “paus rodados”. Aliás, essa era uma forma meio cínica, sem deixar de ter um quê de carinho, como eram tratados frequentemente todos os que chegavam a Cuiabá. A síntese dessa singela avaliação, é que as eleições deste ano já imprimiram um relatório sociológico completamente uniforme. Não dá para estabelecer bolsões de votos regionais com influências vindas de fora de Mato Grosso. Do ponto de vista dos “paus nascidos”, dos “paus rodados” e dos “paus fincados”, somos todos mato-grossenses culturais e aculturados sob o mesmo teto (RIBEIRO, Onofre. *Paus rodados, paus fincados e paus nascidos*. Revista RDM, Cuiabá, n. 155, ano VIII, 2006, p. 09).

A leitura do texto acima contribuiu para que eu começasse a entender o sentimento expresso pelos habitantes da região norte do Estado, como um sentimento de oposição, de resistência à prática discursiva de exclusão, de não aceitação por parte dos mato-grossenses, que se denominam filhos da terra. Também de reafirmação de uma identidade mato-grossense ao se afirmarem pela diferença. Ao se estabelecer um processo de diferenciação, marca-se um processo de identificação.

O título do artigo “Paus rodados, paus fincados e paus nascidos” é uma clara alusão aos migrantes que chegaram com suas famílias nas décadas de 60 e 70 ao Estado de Mato Grosso e constituíram famílias, tiveram filhos e contribuíram para a miscigenação dos moradores desse estado. À formulação discursiva “paus rodados”, o autor atribui outra, “paus fincados”, e credita sua autoria à socióloga Miriam Braga, acrescentando que 76% dos jovens entre 15 e 24 anos são cuiabanos da nova geração, carinhosamente chamados de “paus fincados”.

Em primeiro lugar, me causa um certo desconforto uma socióloga definir um grupo de pessoas como “paus fincados”, porque mesmo com toda a necessidade de impingir que esta é uma maneira carinhosa de se referir aos migrantes da década de 60 e 70, como faz questão de ressaltar em “Aliás, essa era uma forma meio cínica, sem deixar de ter um quê de carinho, como eram tratados frequentemente todos os que chegavam a Cuiabá”. Esta é, sim, uma expressão pejorativa, que procura desqualificar o outro, no caso os migrantes, como reconhece o jornalista Onofre Ribeiro quando afirma essa era uma maneira meio cínica.

Outro funcionamento interessante neste texto e que contribui para minhas reflexões é a referência ao *aqui* e ao *lá*. O *aqui* está diretamente relacionado ao ser do

lugar, ter nascido em Mato Grosso, cultivar as tradições cuiabanas; enquanto que o ‘lá’ significa uma amada e distante lembrança para o migrante, a região sul, em *lá na origem* e longe da realidade atual.

Vejam as referências ao *aqui* em: (...) todos eram cuiabanos ou nascidos em Mato Grosso; (...) nem todos são nascidos na capital, E havia até um certo preconceito em passá-las por aqui, (...) porém os jovens cresceram aqui (...) fizeram carreira em Mato Grosso, (...) e se vive aqui, se é daqui.

E nas referências ao *lá*: (...) as férias de fim de ano eram passadas ano após ano lá na origem, (...) até porque era preciso mostrar lá o sucesso econômico alcançado por eles, (...) E lá, os avós morreram, os tios, os amigos mudaram-se ou também morreram.

Encontro uma relação de paráfrase em *aqui*, diretamente relacionado aos nascidos em Mato Grosso, e entre o *lá* e a região de origem dos migrantes. Qualquer que seja o Estado, o *lá* indica a origem, local de nascimento, aquele que não é nascido em Mato Grosso, portanto, é migrante, é de fora.

Sobre a situação da enunciação do *aqui* e do *lá*, pronomes demonstrativos de lugar, podemos pensar o funcionamento da dêixis. “Os dêiticos realizam o fenômeno da dêixis (ato de mostrar), (...) os demonstrativos são algumas formulações que permitem identificar pessoas, coisas, momentos e lugares a partir da situação de fala” (ILARI & GERALDI, 1994, p. 66).

Os sentidos dos dêiticos precisam ser considerados em relação às condições de produção do discurso em análise, para se conhecer, exatamente, a que se referem os pronomes demonstrativos de lugar *aqui* e *lá*.

Tomando os demonstrativos como exemplo típico em seu papel habitual de identificar algum lugar presente na situação de fala, lembramos que o demonstrativo vem, geralmente, acompanhado de um gesto de apontar. E, ao apontar, marca a distância, aponta a diferença. As características físicas, para o autor, também contribuem para dar visibilidade a diferenças entre os cuiabanos e os migrantes como se nota em:

Um dia desses fiz uma palestra para um grupo de jovens na faixa dos 14 a 18. Quase todos loiros e de olhos claros. Distraído, perguntei: quem de vocês nasceu em outro estado? Todos eram cuiabanos ou nascidos em Mato Grosso. De repente, dei-me conta de que se passaram 32 anos e que 76% dos jovens entre 15 e 24 anos são cuiabanos da nova geração, carinhosamente chamados de “paus fincados”.

Assim, ser loiro e ter os olhos claros distingue mato-grossenses (origem sulista) e mato-grossenses (nascidos em Mato grosso). O nascimento já não configura mais o sujeito mato-grossense, pois as características físicas denunciam a origem sulista, mesmo tendo nascido em terras mato-grossenses. O que passa a distinguir, na contemporaneidade, o sujeito mato-grossense do sujeito-migrante (paus fincados), para o autor, são as características físicas, configurando uma memória assentada em questões raciais.

Em “(...) não se tem como separar mato-grossenses dos que vivem em Mato Grosso”, o texto reafirma a diferença entre ‘ser do lugar’ e ‘vir de fora’. Ao apontar a diferença, o texto a ressalta. Em “o fato é que, cada vez mais, não se tem como separar”, observamos a exposição da dificuldade encontrada em separar os nascidos na terra dos migrantes, e esse fato ocorre de maneira gradual, em “cada vez mais”. Assim, com uma intensidade, cada vez maior, fica mais difícil reafirmar as diferenças, pois os migrantes se dizem mato-grossenses, como vemos em “todos reivindicam a cidadania mato-grossense”.

*Todos*, nesse sentido, se refere apenas aos migrantes, pois os nascidos no Estado já nascem cidadãos mato-grossenses, numa relação de pertencimento natural. O texto é marcado do início “O fato é que cada vez mais não se tem como separar mato-grossenses dos mato-grossenses que vivem em Mato Grosso” ao fim “Do ponto de vista dos “paus nascidos”, dos “paus rodados” e dos “paus fincados”, somos todos mato-grossenses culturais e aculturados sob o mesmo teto”, com uma prática discursiva que reafirma as diferenças.

A tentativa de explicação do processo de miscigenação mato-grossense reafirma o processo discriminatório quando, na conclusão, reafirma a exclusão no momento da afirmação – “somos todos mato-grossenses culturais e aculturados sob o mesmo teto”. Em que culturais, para o autor, são aqueles inseridos na cultura cuiabana regional do Estado e denominados de aculturados são os migrantes que trazem consigo outra construção cultural. Observo a afirmação de que, imaginariamente, só tem cultura quem conhece a cultura local.

Mais do que a econômica, a diferença cultural marca abismos e os mantém como podemos perceber no texto acima. Ao propor compreender e apagar as diferenças “por isso, hoje está completamente fora de moda separar as carteiras de identidade. A

que vale é o viver. E se vive aqui, se é daqui”, essas diferenças são mantidas no fio discursivo, como encontro em “cada vez mais os ‘paus fincados’, filhos dos antigos ‘paus rodados’ migrantes, se fincam na terrinha”.

Vejamos a mesma formulação “paus rodados” em outro autor, Paulo Zaviasky, extraído do Jornal *Diário de Cuiabá*, edição nº 10904 de 30/04/2004, p. 6A.

#### PAUS RODADOS

Sinto-me à vontade para falar sobre “paus rodados”, expressão típica, bem cuiabana e goiana, que apenas apelida aqueles que para cá migram com a única finalidade de tirar proveitos pessoais, imaginando que onças e macacos perambulam pelas nossas ruas e que todo mundo por aqui é cego. E, digo o porquê. Sou cuiabano, nascido na “rua do cemitério”, Batista das Neves, exatamente onde hoje está funcionando a Câmara Municipal de Cuiabá. Porém, minhas origens são dos quatro cantos do mundo, sendo a mais próxima a de meu pai que nasceu em Moscou, a Rússia de tantos sofrimentos. Seria, portanto, uma enorme incoerência detratar minhas próprias origens, contra irmãos do mundo inteiro que aqui chegam carregados de sonhos e de boa vontade. Meus parentes paulistas, mineiros, gaúchos de tantas saudades, aqueles poloneses ilustraram a minha infância... O mundo é testemunha sobre como os irmãos goianos definem, apelidam, os forasteiros... Exatamente como nós! Os goianos também apelidam de paus rodados os migrantes ou forasteiros que naquela cidade tão gostosa procuram fixar residência. Os paulistas definem os nordestinos ou “baianadas” de modo também gozador. Ou como os cariocas definem os paulistas, “burros de carga”, ou mesmo os gaúchos que definem num linguajar próprio e gostoso os migrantes... Ou será que os cearenses, os nordestinos tão queridos e que sempre nos tratam tão bem, nunca apelidam também os forasteiros?!... De “cabra-da-pestre” a “jirimum-de-terno”. Eu, uma “cabra” ou “jirimum”? É brejeirice, gente. Nunca xingamento. Todos os Estados, principalmente do Brasil, têm essa mania! E a maioria entende isso. E o mundo não acaba por isso! Cuiabá apelida, sim, de paus-rodados alguns forasteiros, mas, sempre, com aquela brejeirice de gente que abraça e que protege, como o fazem os paulistas, os nordestinos, os gaúchos e os índios que nos chamam de “cara-pálidas”... Registro que tais brejeirices também são uma homenagem a tantos irmãos que tanto se preocuparam – e se preocupam – com possíveis xenofobismos ou uma conspiração para “guerra santa” entre Estados irmãos que não os há em lugar algum dos registros aqui efetuados. Está no dicionário do Aurélio a palavra pau-rodado! Só que acho incompleto. Apenas afirma ser uma palavra utilizada por mato grosso e por Goiás aos forasteiros que tentam fixar residência nesses/nestes Estados. Eu iria além. Afirmaria que o imortal Arcebispo de nossa História mais poderosa, Dom Francisco de Aquino Corrêa, da Academia Mato-grossense de Letras e da Academia Brasileira de Letras, ex-Presidente mais jovem de

nosso Estado, com 33 anos de idade, já fazia artigos satíricos, porém, nunca pejorativos, sobre “Paus-Rodados”, com sete gigantescas estrofes, datado de 1935, publicado na página 156, Obras, Volume I, Poética, Tomo II. Terra natal, das “Obras Completas de Dom Aquino Corrêa”, impressas pela Academia Mato-grossense de Letras, em 1985. Nunca fora execrado por exercitar sua veia satírica e a cultura salutar de sua terra natal Cuiabá. Neste mesmo diapasão, também sem provocar um arrepio entre Estados irmãos, e obedecendo aos critérios dos usos e costumes locais, exatamente como Goiás, que utiliza o mesmo termo, como de resto, como registrei acima, todas as regiões assim também o fazem com sutilezas diferenciadas, através dos nativos, seus costumes e suas culturas locais, repito, em 1911, Frederico Augusto Prado de Oliveira também escrevia, desta vez como protesto político, já naquela época, vejam só, com o pseudônimo de “Zé Capilé”, os seguintes versos sob o título de “Paus-Rodados”: (ZAVIASKY, Paulo. Jornal Diário de Cuiabá, edição nº 10904 de 30/04/2004, p. 6A).

“uma coisa mi bole n’ispinha/ I mi dá tremo na pacuera:/ É num vê meus patrício, nenhum;/ Qui mereça justiça – divéra/\*/ Só se vê canaia de bátxo,/ Pau rodado qui aqui incaio,/ Impiriquitada im redó du governo/ A txpá todo nosso suo” (Reveno e Reciclando a Cultura Cuiabana, 1ª edição, ano 2000 – Moisés M. Martins Júnior, In: ZAVIASKY, Paulo. Jornal Diário de Cuiabá, edição nº 10904 de 30/04/2004, p. 6A).

A prática discursiva do texto intitulado *Paus-Rodados* reforça e reafirma os sentidos de “paus-rodados” para explicar como as imagens se constituem no próprio processo discursivo.

São citados textos de 1911 de Frederico Augusto Prado de Oliveira, conhecido em Cuiabá como “Zé Capilé”:

(...) em 1911, Frederico Augusto Prado de Oliveira também escrevia, desta vez como protesto político, já naquela época, vejam só, com o pseudônimo de “Zé Capilé”, os seguintes versos sob o título de “Paus-Rodados”: “uma coisa mi bole n’ispinha/ I mi dá tremo na pacuera:/ É num vê meus patrício, nenhum;/ Qui mereça justiça – divéra/\*/ Só se vê canaia de bátxo,/ Pau rodado qui aqui incaio,/ Impiriquitada im redó du governo/ A txpá todo nosso suo” (Reveno e Reciclando a Cultura Cuiabana, 1ª edição, ano 2000 – Moisés M. Martins Júnior, In: ZAVIASKY, Paulo. Jornal Diário de Cuiabá, edição nº 10904 de 30/04/2004, p. 6A).

Também a formulação “Pau rodado” encontrada nas alusões trazidas da voz do “Imortal Arcebispo de nossa história mais poderosa, Dom Francisco de Aquino Corrêa”,



produz uma imagem do migrante, como vemos em “Pau rodado qui aqui incaio,/ Impiriquitada im redó du governo/ A txpá todo nosso suo”. Estabelece os sentidos de “incaio”, ao invés mora, habita reside e vive; os sentidos de “impiriquitada” ao invés de ocupa cargos de gestão; e afirma “a txpá” na direção do sentido de sugar o suor, demonstrando sua inconformidade de ter que trabalhar para um “pau rodado”.

O Arcebispo funda e é membro da Academia da Academia Mato-grossense de Letras e membro da Academia Brasileira de Letras, ex-presidente mais jovem do Estado, com 33 anos de idade, já fazia artigos satíricos, porém, nunca pejorativos, conforme encontro enfatizado sobre os sentidos de “Paus-Rodados”, nos idos de 1918 até 1940.

Vejamos,

Eu iria além. Afirmaria que o imortal Arcebispo de nossa História mais poderosa, Dom Francisco de Aquino Corrêa, da Academia Mato-grossense de Letras e da Academia Brasileira de Letras, Ex-Presidente mais jovem de nosso Estado, com 33 anos de idade, já fazia artigos satíricos, porém, nunca pejorativos, sobre “Paus-Rodados”, com setgigantescas estrofes, datado de 1935, publicado na página 156, Obras, Volume I, Poética, Tomo II. Terra natal, das “Obras Completas de Dom Aquino Corrêa”, impressas pela Academia Mato-grossense de Letras, em 1985. (ZAVIASKY, Paulo, *Jornal Diário de Cuiabá*, edição nº 10904 de 30/04/2004, p. 6A).

Importa ressaltar o lugar social de onde fala o Arcebispo e ex-governador do Estado: dirigente maior, e que teve sua obra publicada no ano de 1985, em meio ao processo migratório do Estado de Mato Grosso que se iniciou em 1970.

Ao tentar opor os sentidos de satírico e pejorativo em, “(...) já fazia artigos satíricos, porém, nunca pejorativos”, vejo dificuldade em sustentar as diferenças entre ser picante, mordaz e sarcástico, próximos do sentido de satírico; e uma significação torpe, obscena ou desagradável, próximos do sentido de pejorativo. As duas formulações seguem na direção da distinção do diferente, do sarcasmo, do desagradável.

Não se sustenta, portanto, a oposição das formulações satírico e pejorativo afirmadas pelo autor em “satíricos, porém, nunca pejorativos”. Tanto satíricos como pejorativos, no texto em questão, são utilizados para marcar diferenças, acentuar conflitos e contendas, como podemos observar no recorte do texto citado por Paulo



Zaviasky (2004) abaixo:

(...) uma coisa mi bole n'ispinha/ I mi dá tremo na pacuera:/ É num vê meus patrício, nenhum;/ Qui mereça justiça – divéra\*/ Só se vê canaia de bátxo,/ Pau rodado qui aqui incaio,/ Impiriquitada im redó du governo/ A txpá todo nosso suo” (Revendo e Reciclando a Cultura Cuiabana, 1ª edição, ano 2000 – Moisés M. Martins Júnior).

O texto inicia trazendo a afirmação de que os cuiabanos se sentem à vontade para falar sobre os “paus-rodados” e justifica: “e, digo o porquê. Sou cuiabano, nascido na “rua do cemitério”, Batista das Neves, exatamente onde hoje está funcionando a Câmara Municipal de Cuiabá”.

Assim, os nativos, que nasceram na terra, podem utilizar a expressão com naturalidade. E, ao afirmar seu direito como nascido cuiabano; formula, sustentado pelo funcionamento das posições imaginárias, o conceito de “paus-rodados” como: “expressão típica, bem cuiabana e goiana, que apenas apelida aqueles que para cá migram com a única finalidade de tirar proveitos pessoais, imaginando que onças e macacos perambulam pelas nossas ruas e que todo mundo por aqui é cego”.

A expressão “apenas apelida”, vem carregada de sentidos, em que *apenas* ameniza os sentidos de *apelida*, caminhando discursivamente no sentido de *apelidar como algo carinhoso*. Esse efeito não se mantém devido aos sentidos da sequência da formulação “aqueles que para cá migram com a única finalidade de tirar proveitos pessoais”.

Apointa como enorme incoerência detratar suas próprias origens contra irmãos do mundo todo que aqui chegam carregados de sonhos e de boa vontade; mas a incoerência expressa no texto é a sua contradição na definição de migrantes. Retornemos ao primeiro parágrafo:

(...) expressão típica, bem cuiabana e goiana, que apenas apelida aqueles que para cá migram com a única finalidade de tirar proveitos pessoais, imaginando que onças e macacos perambulam pelas nossas ruas e que todo mundo por aqui é cego.

E, no quarto parágrafo:

Seria, portanto, uma enorme incoerência detratar minhas próprias origens, contra irmãos do mundo inteiro que aqui chegam carregados de sonhos e de boa vontade. Meus parentes paulistas, mineiros, gaúchos de tantas saudades, aqueles poloneses ilustraram a

minha infância.

A formulação do texto produz, enquanto sentido, a tentativa de amenizar a formulação, se reportando aos goianos, paulistas, cariocas, gaúchos, nordestinos quando afirma que “É brejeirice, gente. Nunca xingamento. Todos os Estados, principalmente do Brasil, têm essa mania! E a maioria entende isso. E o mundo não acaba por isso”! Em, “a maioria entende isso”, se ancora no senso comum *a maioria entende* e, também, *todos os Estados do Brasil* reforça a inserção das partes em um todo, e em *e o mundo não acaba por isso* procura amenizar os efeitos dos argumentos lançados anteriormente, como se isso fosse possível, a partir do momento que se considera que os sentidos sempre podem ser outros, dependendo das relações de força e poder sustentadas pelas formações imaginárias.

O quarto parágrafo do texto se encontra marcado por ressalvas, “(...) enorme incoerência detratar minhas próprias origens, (...) irmãos do mundo inteiro, (...) carregados de sonhos e boa vontade, (...) meus parentes paulistas, mineiros, gaúchos de tantas saudades, (...) ilustraram minha infância”.

Também marcado por modalizações, o parágrafo vem iniciado com o verbo ‘ser’ no futuro do pretérito – seria – tempo verbal que indica incerteza em relação a uma causa – relação causal -, seguido da conjunção portanto, e da causa “uma enorme incoerência detratar minhas próprias origens”.

Vejamos,

Seria, portanto, uma enorme incoerência detratar minhas próprias origens.

Encontro uma relação marcada por um conhecimento ou julgamento que passa pela avaliação de Zaviasky e se marca pela incerteza no efeito temporal da formulação ‘seria’. Observo, ainda, uma redução nos sentidos de “paus-rodados/migrantes e forasteiros”; que se limita a somente um – aquele que é de fora -.

E, um desliz de sentidos nas formulações a respeito – daquele que é de fora – em: expressão típica, apelido, brejeirice, homenagem, sátira, cultura salutar; que parecem tentar amenizar os efeitos de “paus rodados”.

Mas, é na formulação:

Registro que tais brejeirices também são uma homenagem a tantos irmãos que tanto se preocuparam – e se preocupam – com

possíveis xenofobismos ou uma conspiração para “guerra santa” entre Estados irmãos que não os há em lugar algum dos registros aqui efetuado que a temporalidade se mostra, marcada como um passado que ainda se faz presente em “tais brejeirices também são uma homenagem a tantos irmãos que tanto se preocuparam – e se preocupam – com possíveis xenofobismos ou uma conspiração para “guerra santa” entre Estados”.

A formulação *a tantos irmãos que tanto se preocuparam – e se preocupam*, nos diz que existiram pessoas e ainda existem que se preocupam com a possibilidade desta prática discursiva de hostilidade gerar conflitos.

A formulação *xenofobismo – aversão ao que é estrangeiro – e guerra santa entre Estados*, são utilizadas na referência entre Estados irmãos, silenciando a possibilidade de guerra/discórdia entre irmãos no mesmo Estado – Mato Grosso, dos nascidos e dos migrantes.

E, em seguida, o recorte com a formulação mais deslocada que encontro nesse texto: “não os há em lugar algum dos registros aqui efetuados. Momento em que se reporta a tantos irmãos que tanto se preocuparam – e se preocupam – com possíveis xenofobismos” e finaliza dizendo que nunca faria tais registros que poderiam levar a gestos de interpretação de conflitos, sendo que estes registros são afirmados e defendidos em todo o percurso da prática discursiva do texto, sendo que a conclusão insiste que *não os há!*

Observo, como regularidade enunciativa entre os dois textos analisados, a formulação “paus rodados” marcada pelo sentido daquele que é de fora, do pejorativo, do que é diferente, do outro. Também nos dois textos esses sentidos são amenizados em práticas discursivas como “apenas apelida, é brejeirice gente, nunca xingamento, somos todos mato-grossenses”.

Outra regularidade enunciativa é a permissão para diferenciar aquele que é de fora, “paus rodados”, marcada discursivamente nos dois textos analisados:

Afirmaria que o imortal Arcebispo de nossa História mais poderosa, Dom Francisco de Aquino Corrêa, da Academia Mato-grossense de Letras e da Academia Brasileira de Letras, Ex-Presidente mais jovem de nosso Estado, com 33 anos de idade (...) nunca fora execrado por exercitar sua veia satírica e a cultura salutar de sua terra natal Cuiabá (...) obedecendo aos critérios dos usos e costumes locais (ZAVIASKY, Paulo, *Paus rodados*, Jornal Diário de Cuiabá, edição nº 10904 de 30/04/2004, p. 6A).

Os demais vieram de fora, do interior do estado, na sua maioria, são filhos de antigos “paus rodados”. Aliás, essa era uma forma meio cínica, sem deixar de ter um quê de carinho, como eram tratados freqüentemente todos os que chegavam a Cuiabá (RIBEIRO, Onofre. *Paus rodados, paus fincados e paus nascidos*. Revista RDM, Cuiabá, n. 155, ano VIII, 2006, p. 09).

Nos dois textos, há um pequeno movimento de aceitação do que é diferente, como em “são cuiabanos da nova geração, carinhosamente chamados de paus fincados”, e, no segundo texto, “contra irmãos do mundo inteiro que aqui chegam”.

Mas, as duas conclusões fecham a questão do não reconhecimento de identificação:

Do ponto de vista dos “paus nascidos”, dos “paus rodados” e dos “paus fincados”, somos todos mato-grossenses culturais e aculturados sob o mesmo teto (RIBEIRO, Onofre. *Paus rodados, paus fincados e paus nascidos*. Revista RDM, Cuiabá, n. 155, ano VIII, 2006, p. 09).

E, ainda,

“uma coisa mi bole n’ispinha/ I mi dá tremo na pacuera:/ É num vê meus patrício, nenhum;/ Qui mereça justiça – divéra/\*/ Só se vê canaia de bátxo./ Pau rodado qui aqui incaio./ Impiriquitada im redó du governo/ A txpá todo nosso suo”. (ZAVIASKY, Paulo. Jornal Diário de Cuiabá, edição nº 10904 de 30/04/2004, p. 6A).

A reflexão acima nos mostra que o Brasil é um país, como tantos outros, de constituição heterogênea, e, apesar de sua vasta extensão territorial; o ponto de união se ancora na Língua. Nomeada como Língua Portuguesa, funda uma união necessária do povo desse país. Mas, esse laço que nos envolve não é atado sempre da mesma maneira. Falamos a mesma Língua, mas em condições de produção diferentes, o que nos posiciona em diferentes formações discursivas, com formas de dizer e escutar. Para que se entenda/compreenda essas formas diferentes de dizer e de escutar, os pressupostos teóricos da Análise de Discurso nos mostram que sujeito e sentido se constituem mutuamente e esse processo é histórico. Nos textos analisados, temos a contradição constitutiva dos processos de significação do sujeito, por mais que se imagine a ilusão da unidade, do mesmo e da literalidade dos sentidos. A Análise de Discurso, tal como Michel Pêcheux a propõe, trabalha com essa margem de contradição

constitutiva dos sujeitos e dos sentidos, do equívoco que se instaura e faz falhar a vontade de unidade e transparência do sujeito.

Para Pêcheux (1975, p. 119), sentido e sujeito não são dados a priori, mas são constituídos no discurso, descartando-se uma concepção idealista da noção de subjetividade que aparece “como fonte, origem, ponto de partida ou ponto de aplicação”. Pêcheux contrapõe a toda uma filosofia idealista da linguagem atravessada pela “evidência da existência do sujeito (como origem ou causa de si)” e pela “evidência do sentido”, a questão de uma constituição do sentido e do sujeito a se processar simultaneamente através da figura da interpretação ideológica.

Segundo Pêcheux (1975, p. 144), “o sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico em que palavras, expressões, proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)”.

O autor continua sua reflexão explicitando essa ideia quando afirma que “as palavras, expressões, proposições mudam de sentido segundo posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que significa que elas tomam o seu sentido em referência a estas posições, isto é, em referência às formações ideológicas (...) nas quais essas posições se inscrevem”.

Esse conjunto de reflexões carrega em seu bojo os conceitos de formação ideológica (FI) e de formação discursiva (FD).

Para Pêcheux (1975), a região do materialismo histórico que interessa a uma teoria do discurso é a da superestrutura ideológica ligada ao modo de produção dominante na formação social considerada. Assim, é uma materialidade específica articulada sobre a materialidade econômica que deve caracterizar a ideologia: “o funcionamento da instância ideológica deve ser concebido como ‘determinado em última instância’ pela instância econômica na medida em que aparece como uma das condições (não-econômicas) da reprodução da base econômica, mais especificamente das relações de produção inerentes a esta base econômica”.

Essa concepção da instância ideológica é que vai permitir a Pêcheux chegar à representação do “exterior da língua” é pensada em relação ao trabalho de Althusser sobre as ideologias.

Ao discorrer sobre o assunto, reflete que na obra *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado* (1985), Althusser, fazendo uma releitura de Marx, propõe investigar o que determina as condições de reprodução social. Parte do pressuposto de que as ideologias têm existência material, ou seja, devem ser estudadas não como ideias, mas como um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção.

Trata-se do materialismo histórico, que dá ênfase à materialidade da existência, rompendo com a pretensão idealista da ciência de dominar o objeto de estudo controlando-o a partir de um procedimento administrativo aplicável a um universo, como se a sua existência se desse no nível das ideias.

Para o materialismo, “o objeto real (tanto no domínio das ciências da natureza como no da história) existe independentemente da produção ou não produção do objeto do conhecimento que lhe corresponde” (PÊCHEUX, 1988, p. 74). Na reprodução das relações de produção, uma das formas pela qual a instância ideológica funciona é a da *interpelação ou assujeitamento do indivíduo como sujeito ideológico*. Essa interpelação ideológica consiste em fazer com que cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha a impressão de que é o senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar em uma determinada formação social. Em um determinado momento histórico, as relações podem se caracterizar pelo afrontamento de posições políticas e ideológicas que se organizam de forma a entreter entre si relações de aliança, de antagonismo ou de dominação.

Essa organização de posição política é que constitui as formações ideológicas (FI) que Haroche et al, assim definem:

Falar-se-á de formação ideológica para caracterizar um elemento (determinado aspecto da luta dos aparelhos) susceptível de intervir como uma força confrontada com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado; cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras (Haroche et al, 1987, p. 102).

Constituindo o discurso um dos aspectos materiais de ideologias, pode-se afirmar que o discursivo é ideológico. Em outras palavras, a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações

discursivas interligadas. Isso significa afirmar que os discursos são constituídos por formações ideológicas.

Para Pêcheux (1975, p. 53), são as formações discursivas (FDs) que, em uma formação ideológica (FI) específica determinam “o que pode e deve ser dito” a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada. Essa interpelação-assujeitamento do indivíduo ao seu discurso possibilita o fato de que sujeitos falantes, tomados em uma conjuntura histórica determinada, possam concordar ou se afrontar sobre o sentido a dar às palavras.

Concebida por Foucault (1969), ao interrogar-se sobre as condições históricas e discursivas nas quais se constituem os sistemas de saber e, depois, elaborada por Pêcheux (1975), a noção de formação discursiva (FD) ocupa na Análise de discurso (AD) um lugar central da articulação entre língua e discurso. E envolve dois tipos de funcionamentos.

O primeiro é a paráfrase. Uma formação discursiva (FD) é constituída por um sistema de paráfrases, isto é, um espaço em que enunciados são retomados e reformulados em um esforço constante de fechamento de suas fronteiras em busca da preservação de sua identidade. A essa noção, Orlandi (1995) contrapõe a noção de polissemia (1995) que rompe essas fronteiras “entrecruzando” os limites entre diferentes formações discursivas (FDs), instalando a pluralidade, a multiplicidade de sentidos.

O segundo funcionamento é a noção de pré-construído. Segundo Pêcheux (1997), um dos pontos fundamentais da articulação da teoria dos discursos com a lingüística. Introduzido por Paul Henry (1997), o termo designa aquilo que remete a uma construção anterior e exterior, independente, por oposição ao que é construído pelo enunciado. É o que irrompe como se já estivesse já-aí.

Para Courtine (1981, p. 102), “o pré-construído remete assim às evidências através das quais o sujeito dá a conhecer os objetos de seu discurso: ‘o que cada um sabe’ e simultaneamente ‘o que cada um pode ver’ em um situação dada. Isso equivale a dizer o que se constitui em uma formação discursiva (FD) como ‘o que cada um conhece, pode ver ou compreender’”, e que determina também “o que pode ser dito”.

A noção de formação discursiva constrói, dessa forma, a referência à interpelação-assujeitamento do indivíduo em sujeito do seu discurso. É a formação



discursiva (FD) que permite dar conta do fato de que sujeitos falantes, situados em uma determinada conjuntura histórica, possam concordar ou não sobre o sentido a dar às palavras, “falar diferentemente falando a mesma língua”.

Assim, os sujeitos, com suas diferentes formas de dizer e escutar, constituem diferentes formações discursivas (FDs) para mato-grossenses nascidos em Mato-Grosso e migrantes, na relação da língua com a história em que pesam também o momento em que essas discursividades se constituem, a forma e conteúdo que assumem e as relações que têm entre si.

Na organização do fio discursivo de sentidos para a elaboração desse trabalho, penso que a escolha do texto *Paus rodados, paus nascidos e paus fincados* (RIBEIRO, 2006), e, do segundo texto *Paus rodados* (ZAVIASKY, 2004), permite um olhar para o processo histórico de seleção dos acontecimentos e considerar que o processo migratório que tem início na década de 70 no Estado de Mato Grosso, instaura novos processos discursivos, tanto para os habitantes do Estado como para a leva de migrantes que para esse Estado foi deslocada.

A posição do migrante é problematizada pelos que se consideram mato-grossenses “nascidos na terra”, na medida em que muitos são os pontos de uma “não identificação” com os norte mato-grossenses migrantes.

Passados trinta anos, o Brasil é um país de dimensões continentais com regiões ainda em processo de colonização. Estes novos espaços sofrem uma reorganização social, cultural e política que inclui todo um contingente populacional mato-grossense em um redimensionamento que desencadeia uma marcha discursiva que se desloca em direção ao centro-oeste e norte do País.

Neste contexto, importa compreender, um pouco mais, as relações que se estabelecem entre língua, sujeito e história no contexto estadual, ou ainda, os efeitos da história, da ideologia, do político nas práticas linguísticas postas pelo processo migratório. Sendo a linguagem “a mediação necessária entre o homem e a sua realidade” (ORLANDI, 1999<sup>a</sup>, p. 19) e uma forma de engajá-lo na sua própria realidade, esse confronto ideológico não pode ser estudado fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem – as realidades - são histórico-sociais.

Portanto, o que mobiliza esse retorno, ou essa constante referência ao passado é o presente. Um tempo presente em que, pela análise discursiva de determinadas

formulações ou pela circulação constante de tantas outras, apresenta o funcionamento de um imaginário e de posições de sujeito contraditórias no cotidiano das práticas discursivas mato-grossenses.

Observo que não se trata apenas do estranhamento com o diferente, com o novo, com o movimento instaurado pelo processo migratório, mas da necessidade de reatualização de sentidos pelo funcionamento de um discurso marcado por entraves histórico/econômicos e sócio/culturais.

## Referências

- ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999.
- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*. Rio de Janeiro, Graal, 2ª edição, 1985, p. 128.
- BALOCCO, ANA E. *A escrita e o escrito: produzindo identidades, domesticando diferenças*. IN: MARIANI B. (Org), *A escrita e os escritos: reflexões em análise de discurso e em psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2006.
- COURTINE, J. J. *A rede de formulações (1981)*. In: *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Dominique Maingueneau. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 3ª edição; Pontes, 1997.
- DUARTE, Aluizio C. *Estrutura do Espaço Regional*. In: *Geografia do Brasil – IBGE*, 1988.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas, Pontes, 1988.
- FERREIRA, M. *Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Editora Universidade (UFRGS), 2000.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber* (1969). Rio de Janeiro, Forense Universitária, 5ª edição, 1997.
- GUIMARÃES E PAULA (Orgs). *Sentido e Memória*. Campinas Pontes, 2005.
- HAROCHE, C. (1987). *Vouloir, dire faire dire, PUL*. In: *Querer dizer, fazer dizer*, trad. bras. ORLANDI, E. [et al.]. *Hucitec*. 1987.
- HENRY, P. *A História não Existe?* In: Dominique Maingueneau. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 3ª edição; Pontes, 1997.
- ILARI, J. & WANDERLEY, G. *Semântica*. 6ª edição, Ática, SP, Série Princípios, 1994.

LAGAZZI, S. *A Prática do Confronto com a Materialidade Discursiva: Um Desafio*. In: GUIMARÃES & PAULA (Orgs.). *Sentido e memória*. Campinas, Editora Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *O desafio de dizer não*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1988.

MALDIDIER, D. & GUILHAUMOU, J. (1986) In: ORLANDI, E. *Língua e conhecimento lingüístico*. São Paulo, Editora Cortez, 1986.

ORLANDI, E. *A sociolingüística, a teoria da enunciação e a análise de Discurso*. In: *Sobre o Discurso*. Série Estudos, 06. Uberaba/SP, Fista, 1979.

\_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4ª edição, Campinas, SP, Pontes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, Editora da UNICAMP, 3ª edição, 1995.

\_\_\_\_\_. *Do Sujeito na História e no Simbólico*. In: *Escritos nº 04*, Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/NUDECRI, Campinas, São Paulo, Editora da UNICAMP, 1999c.

\_\_\_\_\_. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP, 4ª edição, Pontes, 2004.

ORLANDI, E. & LAGAZZI, S. *Discurso e textualidade*. Campinas, São Paulo, Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3ª edição, Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. *A propósito da análise automática de discurso: atualização e perspectivas (1975)*. In: *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Gadet, F. e Hak, T. (Orgs), 3ª edição, Editora da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. (1982) *Língua e instrumentos lingüísticos*. Campinas: UNICAMP, Pontes Editora, p. 7-32, 1998.

\_\_\_\_\_. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, Pontes, 1990, 1988.

RIBEIRO, Onofre. *Paus rodados, paus fincados e paus nascidos - O fato é que cada vez mais não se têm como separar mato-grossenses dos mato-grossenses que vivem em Mato Grosso*, Cuiabá, Revista RDM, Seção Opinião, n. 155, ano VIII, 2006, 66p.

SIGNORINI, Inês (Org). *Língua (gem) e identidade*. Campinas, SP: Mercado de Letras, São Paulo: Fapesp, 1998, 2ª reimpressão, 2002.

ZAVIASKY, Paulo. *Paus rodados*, Cuiabá, Jornal Diário de Cuiabá, edição nº 10904 de 30/04/2004.

**“PAUS RODADOS”, “PAUS FINCADOS” AND “PAUS NASCIDOS”,  
THE DAILY LIFE OF DISCURSIVE PRACTICE OF  
MATO-GROSSENSES AND THE RESTATEMENT OF  
IDENTIFICATION PROCEDURE MARKED BY DIFFERENCE**

**ABSTRACT**

In this reading gesture that is inscribed in the theoretical outlook of the Discourse Analysis founded on the work by Michel Pêcheux in France and Eni Orlandi in Brazil, I take the discourse as a privileged observation site and I analyze the discourse practices that motivate and constitute the identification process of mato-grossense citizens in the formulation “paus-rodados, paus-fincados e paus-nascidos” established by the migratory journey in the state which builds the relationship citizen/history and language establishing the necessity of the re-modernization of meanings.

**Keywords:** discourse analysis, identification process, “paus-fincados, paus-rodados and paus-nascidos”, mato-grossense citizen.